

OCcidente

REVISTA ILUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO

3.º ANNO

15 DE ABRIL DE 1880

VOLUME III — N.º 56



REAL THEATRO DE S. CARLOS. — O GUARANY, OPERA DE CARLOS GOMES, SCENOGRAFIA DE LUIGI MANINI
(Desenhos de R. Bordallo Pinheiro e M. de Macedo)

SUMMARIO

TEXTO.—Chronica occidenal, GUILHERME D'AZEVEDO.—O Guarany em Lisboa, Carlos Gomes, Flippo de Amari.—A proposito do scenario do Guarany, BRAZANTON.—Viagens dos arts. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens na Africa equatorial, ALBERTO DE CARVALHO.—As nossas gravuras—Nordenskiöld e a passagem do Nordeste, Lina de Barros.—Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, HATO REBELLO.—Do Buenos Aires a Pampa por Cordoba, FRANCISCO D'ALMEIDA.—Bibliographia.

GRAVURAS.—Real Theatro de S. Carlos, o Guarany, opera de Carlos Gomes, scenographia de Luigi Manzini.—O maestro Carlos Gomes—Carolus Duran.—Viagem de exploração na Africa equatorial, Uma rua no interior da aringa de Quillemquesa—Residência do chefe de Quillemquesa—Bellas Artes, A primeira impressão do artista, quadro de João Christino.—A passagem do Nordeste por Nordenskiöld—Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A primavera chegou já ha dias mas este caso sentimental não foi discutido em verso nem cantado nos artigos, de fundo, dados de ordinario a discussões mais circumspectas e menos cheias de flores.

Quando chega a primavera a companhia lyrica, de ordinario, parte. E o que n'este instante se prepara para fazer depois de haver moído consecutivamente, durante cento e vinte noites, a sensibilidade dos assignantes com essas dolentes melodias ao som das quaes se tem embandalado, com esta, já quatro gerações de dilettanti.

Depois da companhia lyrica partir, Lisboa, na opinião dos que vivem das seduccões da Traviata e da morbidez do Tronador, vai ficar um deserto. Um deserto com palmeiras de menos e camellos de mais, diga-se a verdade, mas em todo o caso um Sahará, com a circumstancia aggravante de ter por oasis o Passeio Publico.

Faz dô, na verdade, ver uma população acostumada a alimentar-se de Verdi durante seis mezes consecutivos; achar-se de repente reduzido a triste condição de se alimentar de pó!...

N'este transe o que ha de Lisboa fazer sem se sepultar-se em profunda melancolia—que é em todo o caso o genero de sepultura mais ameno que se conhece—e deixar-se ficar extatica, em quanto não chega a epocha das praias, a ouvir as doloridas recries marteladas nos pianos pelas virgens seismadoras!...

—Carolus Duran, o grande artista, ainda ha poucos dias escrevia de Lisboa uma carta extremamente curiosa a Jules Claretie. D'essa carta, sobretudo, deprehendia-se que entre nós, o que mais o havia tocado era a tristeza do nosso povo.

Essa tristeza é na verdade manifesta e surpreheende todo o estrangeiro susceptível de observar. E tão fatal e tão irremediavel a consideram entre nós alguns espiritos, que não é raro ouvir-se dando prudentes conselhos á mocidade e convidando-a a ser menos expansiva nos seus rizes, apontando-lhe o exemplo da França que, por se dar demasiadamente á cultura de Offenbach, chegou um dia a resvalar no abismo.

Assim, não produzimos em trigo nem em idéas o sufficiente para o consumo proprio, mas somos um povo circumspecto que se descompe nos artigos de fundo da melhor forma que pôde, sem se depravar n'essas orgias da gargalhada que lá fora tem cavado a ruína das nações.

E' ao regimen methodico do chá e da opera italiana, com subsidio de assucar e pão com manteiga pelos governos, que devemos este estado de beatidade florentine.

Tudo o que transpõe a fronteira tem obrigação de ser serio. O proprio *Figaro* da brigada que hoje educa em Portugal a gente que se preza, é considerado como um evangelho dos

povos. Ninguém na verdade podia admitir que o *Figaro* viesse brincar connosco.

Assim viu-se o respeito e a contricção com que foi lido o artigo em que a referida folha, ha poucos dias, descompunha e *compunha* um marquez de Pombal para uso dos jesuitas. Nenhum publicista, dos que prezam por dever e vocação as glorias patrias, se deu ao trabalho de protestar, o que até certo ponto—forçoso é confessar—indica falta de patriotismo ou de francez. Viu-se apenas sair a terreiro um portuguez residente em Paris, o qual entendem, todavia, que do nome de Pombal, o que valia mais a pena rectificar em termos claros e terminantes era, não o que dizia respeito á posição que na historia occupa essa grande cabeça de estadista que entre nós fez a gloria de um seculo, mas simplesmente o que dizia respeito á posição que o *Figaro* attribuia a Pombal—cabeça de comarca.

—As festas do tricentenario de Camões prepararam-se o mais ruidosas que é possível, attenta a pouca expansibilidade do nosso animo. Depois de tres seculos de gloria lcontece ao grande epico uma coisa estranha. E' preciso que os poderes officiaes e a imprensa acordem por meios artificiaes os ecos da fama adornecida, para que a alma popular desperte ao ruido das grandoladas e se disponha a partilhar um pouco do que nas circulares de convite se costuma chamar o *júbilo nacional*.

Porque a verdade suprema é esta meus senhores: o nosso povo não sabe lá muito bem quem foi Camões nem o que elle fez, ao passo que sabe pelo ter ouvido dizer, e tel-o observado na peça do sr. Braz Martins, que Santo Antonio estando em Padua apparece ao mesmo tempo em Roma a salvar o pae da forca, conseguindo além d'isso o prodigio ainda não realisado nos nossos parlamentos—a não ser em espirito—dos seus auditórios se compõem simultaneamente de homens e de peixes.

Por tal motivo o grande epico só talvez para o quarto centenario consiga obter os legitimis e espontaneos triumphos que hoje alcança, sem trabalho nenhum, qualquer thaumaturgo de segunda ordem.

A culpa não é bem do povo: é de quem o não ensina a ler, impondo-lhe, com a obrigação de pagar tributos, a de soletrar alguma coisa dos *Lusiadas*.

—Annuncia-se para breve um acontecimento artistico que só de tempos a tempos se realiza entre nós: A *exposição da sociedade Promotora das Bellas Artes*. Alguns dos nossos novos artistas, que os tempos e de talento, concorrerão a este certamen com varios trabalhos que serão como que a promessa d'um renascimento promettedor, e Carolus Duran deslustrar-nos-ha com duas ou tres das suas telas extraordinarias.

Do contraste dos quadros do grande mestre com as tellas dos nossos modestos trabalhadores, resultará para os que forem dotados do dom da observação, um choque d'uma significação mais moral do que artistica.

O grande pintor recebe por aquelles trabalhos, da mão de particulares, em dois mezes, uma remuneração que ora pouco mais ou menos pelo que a arte nacional recebe dos poderes publicos em dois annos!

Basta este facto para acusar a desordem mental da nossa sociedade e determinar a orientação das nossas classes directoras.

GUILHERME D'AZEVEDO.

O GUARANY EM LISBOA

CARLOS GOMES

I

Tem havido sem duvida, razão para supor que os portuguezes são incapazes de grandes creações artisticas. É facto que, desde a Renascença até hoje (1880), nenhum nome collocados, nem como escultor, nem como pintor, nem como musico, na lista coroada das grandes artistas da humanidade.

Será porém este facto incontestavel resultado de incapacidade organica, ou apenas deficiência da *maet*? Não germina a planta porque a semente não tem embrião que possa desenvolver-se, ou porque, faltando the exigencia, calor, agua, não encontra circumstancias adequadas? Lemtando-nos á arte musical diremos, como exemplo, que os estudos de harmonia e alta composição do Conservatorio de Lisboa, são pouco mais do nulos.

Suppondo mesmo que, em tão mais condições, ou ainda por meio de um estudo particular bem dirigido em parte no estrangeiro, um portuguez consiga escrever um trabalho importante, uma opera por exemplo, como poderá fazel-a executar, e, sobretudo, como poderá fazel-a apreciar por um publico desconhecido, com razão, dos productos nacionaes, e disposto de antemão a rejeital-os, como tambem de antemão, (e para não fazer má figura,) está disposto, a applaudir o que outros, lá fora, mais saubidos e mais experientes, lhe têm dito que é bom?

Não sei qual é o estado da instrução musical no Rio de Janeiro e no Brazil. Alguma-se-me que deve ter regulado, até hoje, pelo da Portugal.

A grande fortuna do sr. Carlos Gomes consistia pois principalmente em ter sido educado em Italia.

Com 21 annos de idade começou elle os seus estudos no Conservatorio de Milão, e em 47 annos fez-se intencionalmente italiano, escrevendo com a sua grande facilidade de assimilação melodia meridional, para os theatros de declamação, para as *revistas dos acontecimentos* e para as *operas comicas*, e assim habituando o publico de Italia a considerá-lo como naturalizado nas suas escolas, no gosto dos seus mestres, e já filho legitimo das influencias dominantes do genio italiano.

Nestas condições, ser brasileiro, foi ainda para Carlos Gomes uma boa qualidade: junta-o ella mais em evidencia, destacava-o ao por si, mesmo com menos talento que elles, da turba dos seus condiscipulos e contemporaneos; tinha por ella proteções especiaes, ao bem que, sem duvida, tinham algumas lutas, e fazia-o considerá-lo, pelo que lhe dava de original e excentrico, — como um artista esperancoso e predestinado.

Em 1870, todas as circumstancias que dêixo notadas permitiram a Carlos Gomes pôr em scena, com applauso, na Scala de Milão, o seu *Guarany*.

II

Quem julgar, na fé da generalidade das operas italianas, que em Italia só se não comprehendem as tendencias modernas da arte musical e o que esta deve ao genio da Alemanha, enganar-se por completo. Eu conheço um *maestro* italiano que viaja sempre com as partituras de Wagner na sua mala.

Mas a opinião publica, o gosto geral, é em Italia, como de resto, pela facil melodia, pelo canto feito de accordo com as qualidades brilhantes, facilmente perceptivas, do clima e da raça.

Satisfazendo a estas condições, o *Guarany* agredou em termos de poder tornar-se popular em Italia. Os pontos da opera em que a reminiscencia de outros musicos italianos, pôde ser classificado de copia abundante n'ella: mas em Italia, no paiz onde na musica popular, na tradição geral, quasi noventa que sopra, se encontra a fonte, a origem, as formulações, de todos os cantos dos seus *maestros*, em Italia, não se dá muito por um tal plagio, nem para a massa do publico elle chega a ser mais que estylo, genero de musica, propriamente — *italianismo*.

Auctorizado pelo successo obtido na Scala, Londres, por um semna, no Covent-Garden, a opera de Carlos Gomes.

O publico propriamente inglez tem, da raça a que pertence, a mais decidida negação para a musica. Os viajantes que principalmente enchem Londres, vêm tudo, gostam de tudo, sem nunca ter tempo, nem condições, para fazer a critica de coisa alguma: Londres quer, ter nos seus theatros as grandes celebridades, as celebres operas, os fastuosos espectaculos, por uma simples validade de honra rico que quer mostrar a sua opulencia.

Dez annos depois da sua appareição em Italia, subia a scena, em Lisboa, o *Guarany*.

O momento não foi bem escolhido.

Nunca, talvez, como nos annos de 1878, 79 e 80, teve o publico de Lisboa a lição de uma mais completa serie de grandes obras musicas. Primeiro, os esplendidos trabalhos symphonicos dos antigos, — Beethoven, Mozart, Haydn, — e dos modernos — Mendelsohn, Wagner, Gounod, Glinka; depois o *Propheta*, a *Africana*, os *Bayreutes* de Meyerbeer, e ainda esse notavel efforço, essa poderosa tentativa, que se chama a *Ida do Verdi*.

Foi depois de tudo isto que appareceu o *Guarany*:

15 ou 20 annos mais cedo, teria obtido um triumpho, ha 10 annos ainda teria agradado bastante; hoje, porém, o publico, educado pela grande musica moderna, soube, julgo eu, fazer criticamente, as distincções justas.

O *Guarany*, pôde considerar-se, em geral, como uma obra quasi tallhada á moderna, sob a influencia dominante do estylo italiano. Indica no seu auctor uma grande facilidade de assimilação melódica, mas pouca ou nenhuma originalidade. O *Guarany* não mostra um estylo, não annuncia uma personalidade: é um mosaico em que se veem, separadas e distinctas nas suas diversas cores, as pedras de diferentes origens. A harmonia, as modulações, a instrumentação, a disposição e o arranjo geral da opera, são de quem sabe o que faz, mas de quem, ao mesmo tempo, não sabe ainda tudo que se pôde fazer. A quantidade de *son* toma quasi sempre o lugar que deveriam occupar combinações complexas e expressivas.

Os caracteres estão na musica do *Guarany* indecissamente desenhados; nenhum d'elles fica vivo, como uma personalidade, na nossa recordação. Nem, n'esta opera, tem Carlos Gomes o poder de criar um meio de expressão, novo e verosímil, para os elementos estranhos que nos apresenta em scena. Da-nos uma impressão accetivel o interludio com que, no 3.º acto da 1.ª parte das *Nibelungen* de H. Wagner, o orchestra nos desenha a batalha terrível entre heróis e semi-deuses, d'onde as *Wakure* trazem para o *Walhalla*, sobre os seus cavallos phantásticos, os cavalleiros mortos; sente-se no 4.º acto dos *Huguenots* a carnificina com que a população fanatizada encie de tragedias as ruas de Paris; sente-se o mar ondulado e mysterioso no 3.º acto da *Africana*, e conhecem-se as grandes florestas e os povos selvagens no 1.º acto da mesma opera:

Mas as florestas americanas estão apenas descriptas nas rubricas e no scenario do *Guarany* de Carlos Gomes, e os seus selvagens, que quasi sempre cantam e dançam modinhas e polkas de imitação italiana, conseguem ás vezes ser dissonantes, mas, nunca, dar-nos a sensação verosímil, estranha, poderosa, original, do mundo novo a que pertencem.

A este juizo severo talvez mas, segundo julgamos, justo do valor absoluto do *Guarany*, opera aclamada em Milão e em Londres, deve, sem duvida, seguir-se a apreciação de seu merito relativo.

Como terceira opera de um discípulo dos conservatórios do Rio de Janeiro e de Milão, o *Guarany* é uma brilhante promessa.

Carlos Gomes escreveu, já depois, o *Salvador Rosa*, a *Fors* e a *Maria Tudor* que não conhecemos. N'essas operas tem tido sem duvida o maestro brasileiro occasião de provar até onde podem ir os recursos do seu notavel talento, tão extraordinariamente annunciados no *Guarany*.

A *Fors*, é, entre todas, geralmente indicada como significando, no maestro, a quebra dos deuses da modicidade, e a entrada no campo, severo e critico, da verdadeira arte moderna.

A execução do *Guarany* foi em Lisboa excellente:

Pery deve n'esta epoca considerar-se em S. Carlos a criação mais correcta do tenor Tagamag; Pandolphini, o *Cacique* dos *Aymoré*, canta esta parte com a sua mestria costumeira, e não é mais *Aymoré*, porque a musica li'o não permite. Herminia Borghi-Mamo tenta, e consegue por vezes, animar com o seu grande talento e o seu perfeito canto, aquella *Cecy* ambigua e fofa a quem Carlos Gomes faz cantar com piegoice *Pulaca* e *Era uma vez um principe*, sob o sopro ardente que atravessa as florestas virgens, e as paisagens selvagens e poderosas que ella inspira.

Parabéns em conclusão ao Brazil que possui um maestro já hoje celebre e por muitos motivos notavel:

Portugal continuará a desconhecer os talentos reaes que, como o Visconde do Aricuri, Augusto Machado, Miguel Angelo, S. Noronha, de vez em quando apparecem; e continuará a gastar por annos 100 contos de reis a convencer-se, que a produção exclusiva das operas estrangeiras, que ha alguma coisa por esse mundo, a que se chama a arte musical, e para a qual os portuguezes não prestam.

E n'a que temos uma musica verdadeiramente nacional, — a musica do povo, — nunca toremos talvez a arte desenvolvida, consciente, que nos caracteriza entre as outras raças.

É que ha entre Portugal e o Brazil uma grande differença: lá, o ser brasileiro é um motivo para lavour; cá, o ser portuguez é um motivo para desprezo, — o que concorda inteiramente com o que deve passar-se n'uma nacionalidade que se forma, acclimando em si, e n'uma outra que decahe, critica e sceptica.

PHILIPPE DO AMARAL.

A PROPOSITO DO SCENARIO DO GUARANY

O sr. Luigi Manini, pintor escripturado na presente epoca para o theatro de S. Carlos, e auctor do magnifico scenario da opera — O *Guarany*, representa dignamente a moderna escola scenographica italiana; á qual pertence.

Tenho recebido uma educação de artista bastante completa, e possuindo um talento extremamente generalisador, que lhe permittem manejar com equal pericia a architectura, quer classica, quer pittoresca, a paisagem, o ornamento e a figura decorativa — especialidades de que se compõe a pintura de theatro — o joven artista, que por si só vale bem um grupo de pintores, distingue-se além d'isso pelos seus vastos recursos de composição e por um conhecimento assaz profundo da magia do colorido, e se na sua maneira se encontram ainda incertezas, se o seu toque nos parece por vezes um tanto fustigado e de uma largueza exagerada; se acaso lhe escapa uma nota opera n'um escuro de profundidade, ou um valor estridente nos planos da perspectiva aerea; ou lhe succede tratar qualquer detalhe de primeiro plano com moleza, defeitos são estes que a pratica vem a corrigir, e que se acham amplamente contralancados pela intenção sincera e inteiramente despidida de convencionalismo do seu desenho, e pela interpretação das superficies, cujo naturalismo, no estylo do sr. Manini, atinge, por assim dizer, a verdade photographica. As suas scenas recomendam-se ainda por uma outra qualidade tão preciosa quanto é rara: a apesar da execução vigorosa, as luzes principaes e as notas de effeito acham-se sempre habilmente resumidas muito acima da linha visual, deixando na base do quadro largos planos de meia tinta, nos quaes dominando os tons negativos, as tornam por tanto excellentes fundos para figuras.

No *Guarany* o scenographo, até ahí mais conhecido pelas suas vistas de architectura, revela-se nos seus paisagistas perfeitamente moderno, e a empreza renovando a sua escriptura andou acertadamente, por quanto este ramo da scenographia, que estacionou no nosso paiz a ponto de estar ainda vivendo de um reflexo da antiga escola classica idealista, carecia instantaneamente do exemplo de um artista da escola moderna, para entrar em nova phase.

Além de um excellente scenographo, o sr. Manini é um excellentes aguarelista. Devemos felicitar a nossa scena lyrica pela aquisição de um artista tão notavel, já escripturado, ao que nos consta, para a epoca seguinte.

SPECTATOR.

VIAGENS

DO SR.

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS

na Africa Equatorial

OS EXPLORADORES E A EXPLORAÇÃO

III

Até ao Bihe Hermenegildo Capello, Roberto Ivens e Serpa Pinto viajaram juntos.

Um mappa publicado pelo OCCIDENTE nota a posição dos principaes pontos percorridos n'esta primeira parte da exploração.

Em vez de se dirigir mais directamente por Supa, por Quissange, Quibondo, Zamba, por onde em 1875 chegara a Benguela o commandante Cameron, a expedição atravessou o Dombé, Quillengues, Caconda, concheiros importantes da provincia de Angola.

A região littoral que primeiro se precorre ao entrar n'esta parte da Africa austral é, segundo o testemunho dos ultimos viajantes portuguezes, bastante estéril e insalubre. Na formação dos terrenos ha muito da acção do mar, e as aguas que veem das vertentes das montanhas, formam alli pantanos, muitas vezes mixtos, nas piores condições, de agua doce e salgada.

Começa depois a subir-se para o interior

n'uma região muito accidentada que, no seu todo mais elevado, pôde considerar-se em media, a uns novecentos metros acima do nivel do mar.

Os cursos de agua são numerosos precipitando-se todos para o Atlantico. E, como as chuvas são regularissimas e os terrenos fundaveis, a vegetação espontanea é exuberante e a cultivada tem todas as condições de um prospero desenvolvimento: A mandioca, o sorgo, o milho, a massambala, o inhame, a batata doce, o arroz, a ginguba são aqui os mais abundantes alimentos.

Encontra-se com frequencia o algodoeiro herbaceo, o ricino e o tabaco, o café, e os gigantes arboreos conhecidos pelos nomes de Imbrondeiro, Baobab ou Adansonia.

As agulhas magneticas da expedição portugueza annunciaram por muitas vezes a existencia, no solo, de jazigos metaliferos.

As raças indigenas que ahí habitam são fortes e sãs; os europeus vivem n'estes territorios soffrivelmente: o paiz é relativamente saudavel.

Subindo mais, até uns mil e quinhentos metros de altitude media, os viajantes acharam-se, emfim, no que pôde considerar-se como o planalto geral do Continente n'esta parte d'África.

Os terrenos que aqui dominam parecem ser os primitivos, avermelhados, em grandes extensões, por oxydos de ferro abundantes. A superficie pouco accidentada tem, em geral, quasi apenas as grandes ondulações que marcam as bacias hydrographicas dos rios que correm por ella, em largos circuitos, antes de, mediatamente, chegarem aos mares.

A camada de terra onde as plantas mais importantes podem desenvolver-se é muito delgada, e quasi sempre argillo-silicosa. De abril a agosto a estação recebe o nome de *Cacimbo*: o vento sopra então predominantemente de sueste e é bonacoço de manhã e mais fresco pelas tres ou quatro horas da tarde. A atmosfera mostra-se limpa. As differenças entre as temperaturas extremas são enormes.

De setembro a março é a estação das chuvas, sobretudo abundantes em outubro e novembro e mais fracas nos chamados mezes de *Quangala*, janeiro e fevereiro. A temperatura maxima-media é, n'essa estação, de 25 centigrados.

Pode considerar-se que, n'um mesmo paralelo ao Equador, os paizes da Africa, serão, em regra geral, tanto mais salubres quanto mais para o interior do Continente.

As terras do planalto são assim mais habitaveis que as das regiões que ficam atraz esboçadas. As raças que n'ellas vivem são as mais perfeitadas.

Os Mocicos, Mondombes, Malumbes, Quimbahes, Bailundos, Buénos e Ganguellas habitam principalmente estes territorios. Pastoreando gados, e quasi inteiramente nus, — apenas muito parcialmente cobertos por um pannu ou uma pelle, — alimentam-se do infuso de farinha de milho ou de mandioca, e, rarisimas vezes, de carne. As mulheres trabalham em pequenas terras que agricultam.

O Bihe era um dos grandes centros, n'esta parte d'África, do trafico da escravatura.

Pelos caminhos que d'aqui partem, — para Catanga, Guaranguia, Genge, Cassongo, Calombo, — os bilhenos negociam com a cera dos Ganguellas, com o marfim de Mucunso e productos d'outros serões.

É do Bihe para o norte que começa a parte mais notavel da viagem de Hermenegildo Capello e Roberto Ivens.

Ahi os seguiremos no proximo numero do OCCIDENTE sobre um resumo do proprio mappa que os exploradores levantaram.

Durante a sua estada em Quillengues Roberto Ivens fez os dois desenhos que aqui apresentamos gravados. São elles os primeiros até hoje publicados d'uma preciosa e extensa colleção que este explorador, que é tambem um distinctissimo artista, trouxe das suas viagens.

(Continúa)

ALBERTO DE OLIVEIRA.



O MAESTRO CARLOS GOMES, AUCTOR DA OPERA «O GUARANY»
(Segundo uma photographia)



CAROLUS DURAN
(Segundo uma photographia do sr. Camacho)

AS NOSSAS GRAVURAS

CAROLUS DURAN

Carolus Duran, uma das mais accentuadas phisionomias da arte franceza e da arte contemporanea, que n'este momento se acha em Lisboa, é natural de Lille onde nasceu a 4 de julho de 1838.

Estudou em Paris e foi pensionista da sua cidade natal em Roma. Regressando a França expoz no salão o seu grande quadro *o Assassino* que lhe valeu a primeira medalha, começando aqui a afirmar-se a poderosa individualidade que mais tarde lhe conquistaria um tão distincto logar.

Depois d'este primeiro triumpho Carolus Duran partiu para Hespanha a estudar Velasquez. Foi em face das

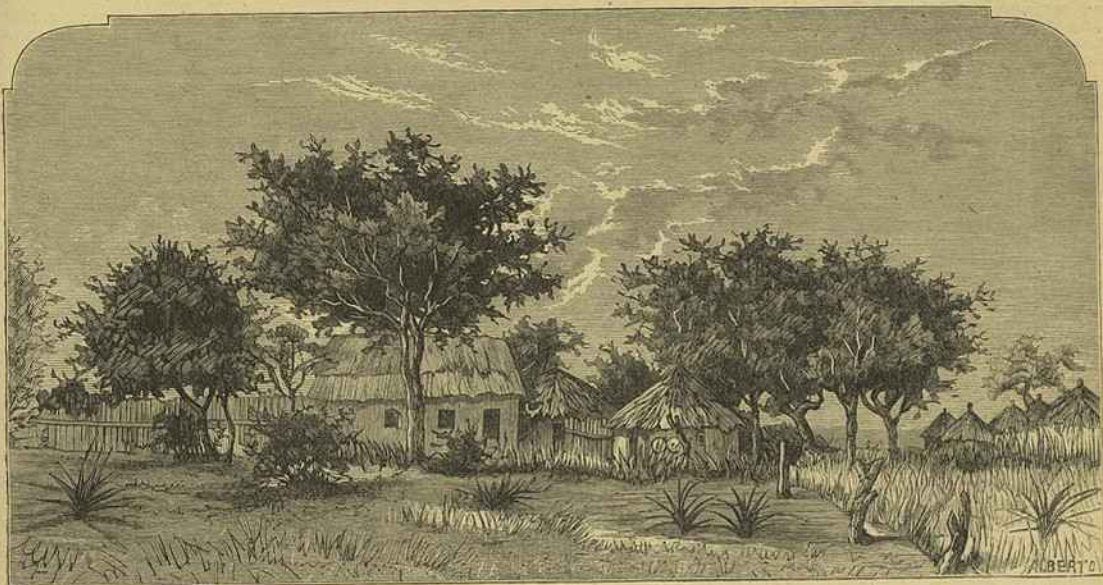
obras collossaes d'este grande mestre que a sua individualidade artistica se firmou definitivamente. Fechado no muzeu de Madrid durante um anno a estudar e a copiar os *Borrachos*, as *Meninas*, os *Bubos* e outras maravilhosas telas da arte hespanhola, o seu pulso adquiriu esse vigor excepcional que caracteriza hoje as telas firmadas com o seu nome.

Regressando de Madrid, Carolus Duran obteve o seu

VIAGEM DE EXPLORAÇÃO NA AFRICA EQUATORIAL



UMA RUA NO INTERIOR DA ARINGA DE QUILLENQUES — (Extrahido do album de viagem dos exploradores Capello e Ivens)



RESIDENCIA DO CHEFE DE QUILLENGUES — (Extrahido do album de viagem dos exploradores Capello e Ivens)

primeiro e indisputavel triumpho expozendo o celebre retrato de sua esposa, vulgarmente conhecido pelo nome de *La Dame au gant*, e que hoje figura no muzeu de Luxemburgo ao lado dos primeiros artisticos da nossa epocha.

Em 1870 obteve novo premio no Salão expozendo o retrato de M.^{me} Peydeau, conquistando outra medalha, e no anno seguinte outros quadros affirmaram ainda a sua celebridade, sendo Carolus Duran agraciado com a Legião de Honra.

Carolus Duran é hoje um grande vulto da arte. Os

seus retratos são verdadeiras maravilhas sonde a graça se alia com o vigor. Dois de seus quadros expostos no Salão de 1879 valeram-lhe a medalha d'honneur, a maior gloria a que pode aspirar um artista francez.

Inimigo de todas as contensões, o grande mestre procura interpretar d'uma forma sincera e intelligente a natureza. É a realisação d'esto ponto de vista que lhe tem valido os consecutivos triumphos em que o seu nome é logo apreçoado.

O seu colorido quente e poderoso, os contornos suaves das suas adoráveis figuras, os seus fundos mysteriosos, as suas roupagens soberbas, colhem-as em flagrante na realidade das coisas; estudou os seus processos nos grandes mestres, e observando principalmente a natureza, Carolus Duran é um realista na accepção esthetica da palavra; mas porque só se deu á reprodução das cousas agradaveis á vista, o seu realismo só tem o aspecto que nos seduz e nos encanta. E sobre tudo no

BELLAS-ARTES



A PRIMEIRA IMPRESSÃO DO ARTISTA — Quadro de João Christino, pertencente a S. M. El-Rei D. Fernando (Segundo uma photographia)

retrato das mulheres e das crianças que o grande mestre é oímio, da mesma forma que Bonnat, outra celebridade da França contemporânea, o é no retrato dos estadistas e dos pensadores. E ambos eles têm o segredo de fixar na tela aquilo que realmente não pôde ser reproduzido pela aplicação material das cores e do traço—a alma e o espírito.

Carlos Duran veio expressamente a Lisboa pintar o retrato do sr. duque de Palmella. Além do retrato d'esta senhora, conta-se que dentro em pouco expoz na Exposição da Sociedade Promotora das Bellas Artes o retrato do seu magistado a rainha, que também está concluído, e alguns outros de que fosse igualmente encarregado.

Temos assim occasião de admirar e applaudir um grande mestre, que, além de ser uma gloria da França, é também, como todos os homens de génio, uma gloria do espírito humano, esta patria que não tem fronteiras.

A PRIMEIRA IMPRESSÃO DO ARTISTA

O quadro que a nossa gravura representa é pintado pelo fallecido pintor Christino, uma das mais promícuas aptidões do nosso país, prematuramente roubado á arte.

No quadro figura o proprio pintor e figura também o malogrado artista Annunciação. O assumpto é um caso acontecido aos dois pintores, n'uma das suas escursões artisticas pelos arredores de Lisboa, descançando n'um pobre albergue solo, em quanto estavam descalçados, Christino contemplando a paisagem, e Annunciação estudando os animaes d'après nature, um dos pequenos da casa abria a caixa de tintas dos pintores, e principiava a desenhá-los com enthusiasmo em quanto conforme acabava de o ver fazer a elles. E' este o thema da graciosa composição.

Este quadro foi executado expressamente para sua magistade el-rei D. Fernando, como pendente ao quadro os Cinco artistas em Cintra, e existe hoje nas galerias do mesmo senhor.

NORDENSKIÖLD E A PASSAGEM DO NORDESTE

III

Dois ricos proprietarios se reuniram para emprender uma viagem de descoberta e investigação no mar Glacial, ao longo das costas da Europa e da Asia, desde o oceano Atlantico até ao mar Pacifico.

Chamava-se de ha muito a esse caminho, que todavia ainda ninguém completamente percorrera, a *passagem do Nordeste*, tendo-se-lhe attribuido uma importancia maxima para as relações commerciaes entre a Europa e o extremo oriente asiático, enquanto o unico caminho marítimo era o que, pelo cabo da Boa Esperança, obrigava a costear a Africa inteira.

Aberto o canal de Suez, essa importancia diminuiu sem duvida, mas não desapareceu inteiramente.

Conhecida melhor a Asia, a extensão e importancia dos rios que alli correm para norte, e a extensão e recursos das suas bacias hydrographicas, vê-se que o problema commercial consiste hoje, menos em fazer communicar, pelos mares do norte, a Europa com a America, do que em definir as relações regulares dos rios da Siberia, d'um lado com o Atlantico, do outro com o Pacifico, pondo assim em consumo de populações numerosas os productos agricolas e mineiros da Asia, e levando, até ao centro d'esta os artefactos das industrias adiantadas e os poderosos meios do trabalho moderno.

Foi principalmente com este intuito, e praticamente, dentro d'estes limites, que a viagem de Nordenskiöld foi organizada.

É evidente que além de tudo isto a existencia d'uma passagem navegavel a nordeste, para a America, nunca deixou de ser um importante problema geographico, como eram do maximo interesse scientifico todas as observações, todos os mineraes e todos os organismos que, em viagem por tão desconhecidas regiões, se podessem colher.

Ao sr. Oscar Dickson, de Gothenburgo (Noruega), que comprou o *Vega*, associou-se o sr. Sibirakoff negociante de trigo de S. Petersburgo, e aos recursos dos dois juntou o governo sueco um subsidio importante.

O sr. Luiz Palander commandava o *Vega* tendo por immediatos os tenentes Brusewitz (sueco) e Hovgaard (dinamarquez).

A commissão scientifica, presidida por Adolph Nordenskiöld, — que especialmente se occupou de mineralogia e anthropologia, — compunha-se dos professores Kjellmann, geologo e botanico (algas e phanerogamicas), Almqvist, botanico (lichenes), Stuxberg, zoologo (animais inferiores), e dos tenentes Nordqvist, medico e zoologo (animais superiores), e Dove, hydrographo da marinha de guerra italiana.

O *Vega* partiu de Gothenburgo, ao sul da Noruega (14 de junho de 1879), e juntou-se em Tromsøe, na costa do Norte, com o *Lena*, navio commandado pelo capitão Johannessen que devia acompanhar a expedição até ao rio d'aquelle nome na Siberia oriental e subir por elle até Irkutsk, no centro da Asia. Em Ingur (30 de julho) reuniram-se ainda á expedição o vapor *Frazer* e o navio de vela *Express* que levavam carvão para abastecer os dois primeiros vapores e que os deixaram na embocadura do Jenissel, voltando d'esse rio á Europa, carregados de trigo e com excellente viagem, dois mezes depois.

Entre a Lapônia e a península de Kanin passou a expedição em frente da entrada do mar Branco. Depois fleou-lhe ao sul a ilha de Kalgujev: em frente appareceram então, curvadas em arco, as terras do archipelago da Nova Zembla, desde a ilha de Waigatsch, em frente do continente, até ao cabo Bageerte, em face da península de Taimyr. Esse arco de ilhas encerra o mar de Kara. As entradas d'este são o estreito de Ingur, entre o continente e a ilha de Waigatsch, o estreito de Kara, entre esta ilha e a Nova Zembla, o estreito de Matotschkin, entre as duas ilhas sul d'aquelle denominação.

No norte acumulam-se as neves; mas ao sul, junto do continente, as correntes do rio Petschora, ainda na Russia da Europa, e as dos rios da Siberia, o Obi e o Jenissel, que trazem as aguas relativamente quentes das latitudes mais baixas, tornam a costa navegavel principalmente no verão. O *Vega* costou sem difficuldade o norte da ilha Barents, passou em frente da foz do Obi e entrou no rio Yenissel.

Foi ahi que, por 73°, 30' de latitude norte, e 80°, 35' de longitude leste de Greenwich, o *Vega* entrou n'uma pequena bahia, profundamente situada entre uma ilha e o continente, junto da margem direita do Yenissel. Essa bahia está protegida de todos os ventos por alturas de 150, 260, 130, 160 e 300 pés; tem dois canaes ao norte, o canal do *Lena*, e canal de *Proven* (navio que ahi esteve em 1875) e um canal ao sul, o do *Vega*.

As costas são alli profundas e permitem a construcção vantajosa de pontes de carga e embarque; o fundo é formado por uma argila muito fina; ha pedra em abundancia nas ilhas.

A 10 de agosto partiram do Porto Dickson. Da embocadura do Jenissel para o nordeste começavam propriamente para as tripulações do *Vega* e do *Lena* as regiões desconhecidas.

Em frente da embocadura do rio Pjaciná e ao longo de toda a costa oeste da península de Taimyr, as ilhas são numerosas apesar de se não encontrarem determinadas nas cartas maritimas.

(Continúa)

E. LIMA DE BARROS.

Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas

FESTAS ANTERIORES

(Continuado do n.º 51)

Haviam decorrido annos. As conjurações dos grandes senhores tinham sido cortadas pelo cutello do algoz, pelo punhal do rei, ou pela

escuridão dos cárceres. A lucta de morte travada entre os grandes senhores e o rei, vencera este. O povo não se levantou para proteger aquelles, pelo contrario amava e favorecia o rei que lhes fazia justiça. Os reis de Castella que haviam de algum modo animado os conspiradores, desengañaram-se, que homem tal, não se podia ter por inimigo. D. João II reinava em paz. Seu filho D. Afonso completara quatorze annos e na forma ajustada na occasião do desfazimento das tercarias, devia casar o principe com a infanta Izabel de Castella, visto estar ainda solteira. D. João II enviou a Castella o coudel-mór Fernão da Silveira, o doutor João Teixeira, chanceller-mór e por secretario da embaixada Rui de Sande, perguntar aos reis, se eram dispostos a satisfazer as estipulações anteriores relativas ao matrimonio.

Izabel e Fernando achavam-se em Sevilla. A embaixada foi por elles recebida. Acolhida alegremente, tudo acordaram, e, como o coudel-mór ia munido de procuração bastante, foram celebrados os desposorios logo n'aquella cidade a 18 de abril de 1490. Esta solemnidade foi seguida de festas esplendidas, justas, torneios, touros ao gosto da epocha, querendo os reis, mostrar o jubilo que de tal enlace recebiam. D. João II, grande em tudo, tinha mandado dispor postilhões de tres em tres leguas, desde Sevilla até Evora, para ser avisado logo que a decisão fosse tomada. Era a segunda feira immediata; ao fim da tarde, andava el-rei a passear, na praça, com o principe, o duque D. Manuel, e mais fidalgos, tendo saído de casa de Afonso Garcez, secretario, onde fôr assistir ao casamento de uma sua filha, quando Philippe do Casal, irmão de Rui de Sande, que era o ultimo dos de d'aquelle encargo estavam incumbidos, para o que se achava na torre dos coelheiros, chegou a el-rei e lhe deu a feliz nova. Recebeu-a este com alvoroço e immediatamente, o estrondar dos foguetes, o retumbar dos trons, o brillar das fogueiras, o ressoar das sacabuxas, charanellas, trombetas, atabales e outras invenções de guerra e prazer juntos com o repicar dos sinos vieram assombrar o povo, e communicar a todos aquella grande alegria. Logo foram dar graças a Deus á Sé, d'alli a casa da rainha, onde o alvoroço era já grande. «E logo houve muito grande e rico serão de muitas danças e bailes alegrias e muitas festas, etc. toda a gente da cidade foi posta com muita brevidade em danças e folias, com infandas tochas na praça e no terreiro dos paços e por todas as ruas principaes; e tanta gente honrada e nobre e assim a do povo que não cabia, nem se viu nunca tanto alvoroço e alegria. E muitos velhos e velhas honradas com o sobejo prazer foram juntos cantar e bailar (*havia de ser bonito*) diante el-rei e a rainha: cousa de que suas lidades os bem escusavam. Nos quaes entrou Rui de Sousa e Diogo da Silva, que depois foi conde de Portalegre, homens já de dias e de muita auctoridade; e em vindo el-rei da Sé, com o principe e o duque e com muito grande estado, lhe saiu á rua cantando, com um pandeiro na mão, D. Brioliana Henriques, dona muito honrada, mulher de Ayres de Miranda, e el-rei com prazer a tomou nas ancas da mula, e a levou assim com muita honra, onde a rainha estava. Não resistimos á tentação de copiar este trecho de Garcia de Resende, salva a orthographia e pontuação, por ser muito característico dos costumes da epocha.

Não foi menor o regosijo pelo resto do reino e especialmente nas extremas de Castella, pois que os cavalleiros d'aquelle reino vinham com as bandeiras dos logares ao extremo, e ali aclamavam os principes, alaiçando e alçando as bandeiras em signal de regosijo pela consolidação da paz, e afastamento da guerra, cujos effeitos elles mais que nenhuns outros haviam padecido.

No dia seguinte o rei, rainha, principe, senhores, damas, cavallaram ricamente vestidos, precedidos dos judeus com suas toucas e guinolas, foram ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro ouvir missa e se conservaram lá até á tarde, onde comeram, e d'onde voltaram, havendo nas ruas e praças com mui abasta-

dos, e nos paços muitas danças e festas até pela manhã. Na quarta-feira seguinte o pátio dos paços foi toldado, e ricamente adornado de doces de brocado, com um estrado real levantado, onde se fizeram momos em que entrou el-rei e os senhores casados. O príncipe, o duque e os fidalgos celebraram entre-mezes, sendo tantas as danças que a noite não obstruía. A quinta-feira houve touros e cañas, a que el-rei veio com a rainha e damas e a gente nobre. Continuavam as festas mas no meio d'este folgar, rebentou uma nuvem de tristeza. Mau preságio em tanta alegria! A princeza D. Joana, irmã d'el-rei, que desprezara todas as galas, pompas e glórias do mundo, para ir votar a Deus a sua belleza, pureza e bondade, morria no convento de Jesus de Aveiro a 12 de maio d'esse anno, na força da vida, com 38 annos de idade. Sentiu el-rei o golpe, não só porque sempre quiz muito a sua irmã, mas porque em sua companhia se creava, seu filho natural D. Jorge, e por não ter sabido que ella estava doente. As pessoas que a cercavam não julgando a doença perigosa, não o haviam participado a el-rei, e ella em breves dias se finou.

Depois do recebimento da infanta em Sevilha, enviaram os reis de Castella seus embaixadores a Portugal com cartas regias, notificando a D. João II a sua resolução: foram recebidos, apresentados e reconduzidos com toda a honra e magnificência.

Tratou em seguida D. João de prover aos aprestos para as bodas, e comquanto desejasse muito fazer essa celebração em Lisboa, para maior esplendor, não pôde resolver-se a isso pela peste que então grassava aqui.

Tudo começou a preparar-se em Evora, que era então a segunda cidade do reino, diz Garcia de Resende. Para todas as partes enviou o rei emissários e feitores a comprar o necessário, para que as festas fossem as maiores, mais raras e mais perfectas que se podessem fazer.

D'Allemanha, Flandres, Inglaterra e Irlanda vieram tapearias, pannos de lã finos, e outros, haçeanas formosas e muita prata em pastas. Não faltou a mandar vir cosinheiros e menestrelles altos e baixos: De Castella e outras partes vieram ourives, douradores etc. Os que foram a Italia não só compraram toda a seda, brocados, telas de ouro e prata que havia nos armazens de Genova, Florença e Veneza, mas deixaram muitas nos teares a fazerem-se que depois vieram. Accudiam os mercadores de toda a parte, pelas isenções e liberdades que o rei lhes conferia.

Mandou dar a todos os fidalgos que quizessem justar duzentos cruzados nas sedas, e cem aos que quizessem entrar nos momos, e isto por ordenança, sem por isso beijarem a mão a el-rei, nem tirarem despacho algum. A todos os officiaes e empregados da casa real se fizeram grandes mercês. De Guiné e Berberia veio muita cera, verba importantissima em quesequer festa por ser a iluminação então usada. Infinita quantidade de frutas e peixe fresco e de conserva, foi trazido de varias partes; aves e gado grosso e miúdo, que todo se conservou e sustentou nas immedições da cidade, até á occasião oportuna.

Ordenou-se que de todas as mourarias viessem os moitros e moitras que soubessem bailar; e dos logares cercanos viessem mancebos gentis e moças formosas que soubessem bem cantar e bailar *pera bailos e folias*.

Cinco praças abastadas de tudo o necessario estiveram sempre preparadas para os que precisassem mantimentos.

Como no pago não havia sala sufficiente, mandou o rei construir junto a elle uma de madeira, que se fez onde depois foi a horta de S. Francisco. Era do comprimento de 300 palmos (66 metros) por setenta e cinco de largo (16,5 metros) e quasi igual altura; as galerias e annexos á sala formavam um grande edificio. Era ricamente adornada e ardiam n'ella, durante as festas, 300 tochas e brandões por noite.

Participado aos reis de Castella que estava tudo prompto para receber a princeza, despediu-se esta dos paes que a acompanharam até

Constantina, d'onde seguiu acompanhada pelo cardeal arcebispo de Toledo, condes de Benavente e de Faria, bispo de Jaen, D. Rodrigo d'Ulhoa, que vinha por embaixador e outros muitos fidalgos e damas, chegando a Badajoz sexta-feira 19 de novembro. N'esse mesmo dia chegava a Badajoz a comitiva que a devia receber e acompanhar composta do duque de Beja, D. Manuel (depois rei) que levava poder especial do príncipe, dos bispos d'Evora, e de Coimbra, condes de Monsanto e de Cantanhede, todos ricamente preparados e acompanhados de seus apaniguados e outros fidalgos também gallardamente corregidos.

Descançou a princeza dois dias e a 22 saiu de Badajoz acompanhada da sua comitiva e povo da cidade em danças e folias. Á mesma hora D. Manuel, com os mais senhores e nobres portugueses, saiu de Elvas, seguido da gente da cidade e comarcas atravessou a raia, indo apresentar as suas homenagens á princeza, que o recebeu com o primor e galhardado devido á sua pessoa e ao príncipe que representava, e bem assim a todos os mais prelados e fidalgos. Vieram então todos em companhia até á ribeira do Gaia, onde o chanceler-mór Vasco Fernandes de Lucena, dirigiu a sua *arenga* á princeza, que pelo cardeal foi então entregue ao duque de Beja, e se despediu d'ella, bem como outros fidalgos acompanhando-a contendo muitos outros castelhanos até Elvas. Aqui foi recebida debaixo d'um rico pallio de brocado e acompanhada até ao convento de S. Domingos onde foi aposentada. As selas, camaras, camas e mais aparato que ali foram mandados preparar por el-rei eram em todo soberbas e magnificas. A princeza foi ali muito regalada de frutas e presentes de todo o genero.

No dia immediato partiu para Extremoz, onde el-rei aforadamente a veio ver com o príncipe e foi realificado o recebimento. D'ahi seguiu para Evora, onde fez a sua entrada solemne a 27 de novembro. As festas que então se seguiram corresponderam aos preparativos feitos.

Não sendo do nosso proposito senão o que se passou na fronteira, remetemos os curiosos ás chronicas de Rui de Pina e Garcia de Resende, d'onde extrahimos a presente relação. Sete mezes depois essas festas convertiam-se em luto, pela desastrosa morte do príncipe D. Alfonso a 13 de julho de 1491; e a coroa que D. João II tanto forcejara por tornar segura e indispensavel na sua cabeça e descendencia, ia passar para a de seu primo e cunhado, D. Manuel, que a historia appellidaria o *afortunado*.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

DE BUENOS AIRES A PAMPA

POR CORDOBA

(Continúa.)

— Que dizes a isto, Gutierrez?
— Nada!
— Tienes todavia el diablo en el cuerpo! observou Behety.
— O que elle tem, se não me engano, é telha.
— Caballero! gritou Gutierrez, erguendo a cabeça e encarando-me de um modo singular. Usté ha pronunciado uma palavra, que no figura em los diccionarios de nuestro idioma: *Telha*. . . Se usted no me la traduce en el momento, le aseguro que hoy será el ultimo día de su vida!
— Onde enterras os que matas? perguntellhe eu.
— En la Recoleta! . . . Pero señor Almeida, usted abusa de mi longaninidad!
— E tu abusas extraordinariamente da minha paciência.
— Caballero! tornou Gutierrez, mettendo a mão na algebeira, e tirando uma luva.
— Un duelo!

— Soceguem meus amigos. Não estou resolvido a dar palha aos idiotas de hotequim.

— Están reñidos?! balbuciou Maria, a formosa porteña de cabello louro.

— No, respondeu Santiago. Es broma.

— Lo dijo de un modo tan serio! E quien es el caballero á quien señor Gutierrez se ha dirigido?

— Un escritor portuguez. . . E, voltando-se para Gutierrez: Compañero, usted no ha concluido todavia su interesante historia de á noche. . .

— Y no la concluiré.

— Eso no es de amigo, observou Behety.

— Lo que no es de amigo, es el insulto que este gringo. . .

— Homem! interrompi eu; isso é falta de generosidade. Sabes que eu seria incapaz de te chamar telhado, se tu realmente o não fosses. . .

— Lo sé, lo sé muy bien! . . . Viene á mis brazos, perla de Portugal! Tu eres el unico de los europeos. . .

— Não ponhas mais na carta.

— Ya me entiendes! Pues, señores, proseguí Gutierrez; sabido es que ni todos viajan del mismo modo, ni por las mismas razones, ni con el mismo resultado!

— Cierito!

«Humboldt, madama Stael. . .

— Por amor de Deus, acudi eu, deixa as citações para outro dia.

— Es que Humboldt es autorizada, compañero. . .

— Bem o sei; mas eu creio mais em ti.

— Ya lo creo! . . . Como iba diciendo, hay varios modos de viajar.

— Sim; já sabemos isso.

— Bueno! «Se viaja, por ejemplo, por instruirse. . .

— Adelante.

«Se viaja, por ejemplo, por olvidar. . .

— Adelante, hombre!

«Despacio, amigos, despacio. «Se viaja, por ejemplo, por gastar el dinero.

— Y tambien, por ejemplo, por ganarlo, interviene Behety.

Ahora mismo iba á decirlo, continuou Gutierrez. Bien. «Se viaja por ejemplo, por hacer-se notable. . .

— Hombre! eso no tiene fin? preguntou Cobo.

— Si, pero sin paciencia nada se hace! observou Gutierrez. Oye, si quieres.

— Si, quiero irme al cielo!

— Bueno, proseguí Gutierrez. «Se viaja, por ejemplo, por adquirir un porte y un *ayre chic*. . .

«Se viaja, por ejemplo, por curarse. . .

«Se viaja, por ejemplo, por simple distracción. . .

— Esto es insupportable! exclamou Cobo.

— Ya voy á concluir, amigo. «Se viaja, por ejemplo, por comer y beber bien. . .

«Se viaja, por ejemplo, por estravagancia. «Se viaja, por ejemplo, por economia. . .

— Ya no puedo! gritou Cobo.

— Un poquito mas y he concluido «Se viaja, por ejemplo, por necesidad. . .

«Se viaja, por ejemplo, por descubrir tierras. . .

«Se viaja, por ejemplo, por comerciar. . .

«Se viaja, por ejemplo, por lucir la mujer propia. . .

— Y á veces, *por ejemplo*, la ajena, interrompeu Balieto.

— Tambien, compañero, tambien. «Se viaja, por ejemplo. . .

— Miserable! exclamou Cobo.

«Se viaja por ejemplo, por curiosidad. . .

«Se viaja, por ejemplo, por huir de los acreedores. . .

— Y, *por ejemplo*, en persecucion de los deudores, acrescentou Behety.

— Por supuesto! «Se viaja, por ejemplo, por no saber que hacer.

«Se viaja, por ejemplo, por concluir tratados. . .

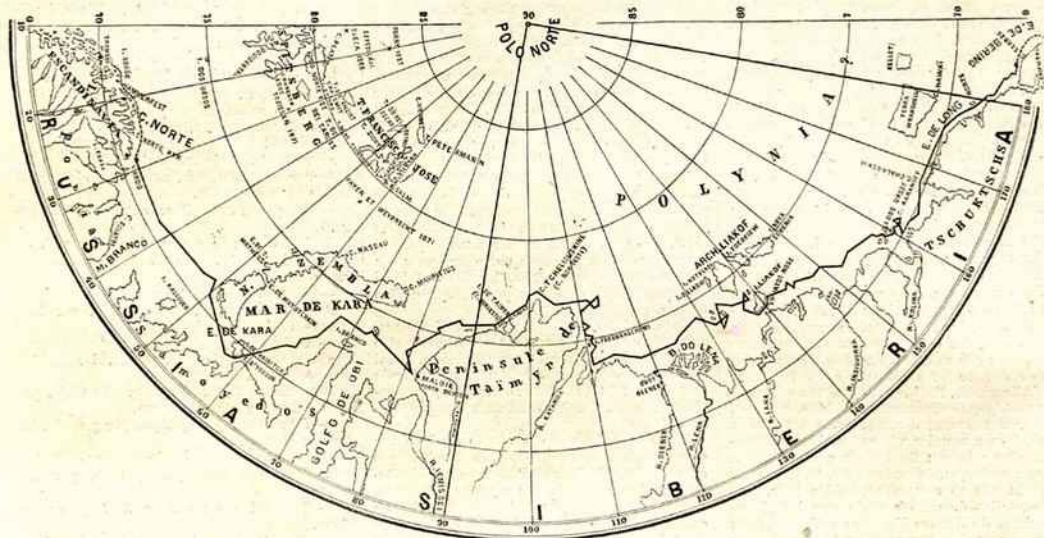
— De ciencia? preguntou Santiago.

— No respondeu Gutierrez; de comercio. «Se viaja, por exemplo. . .

— Me mouro, señores! tornou Cobo.
 — Hombre! gritou Gutierrez; eres mas bárbaro que los bárbaros!
 — Adelante, Gutierrez, disse Santiago.
 — Muy bien... «Se viaja, por ejemplo, por viajar...»
 — E yo, interrompeu novamente Cobo: mira criatura del infierno, flagelo del Plata, yo viajo por que el tren está en movimiento: pero te aseguro que, tan luego llegue a San Fernando, me bajare, porque, señores! es horrible viajar en la compañía de este bandido!
 — No lo hagas, por Dios! que no podremos sobrevivir al disgusto! disse Behety, com um modo compungido. E, logo, voltando-se para Gutierrez: Hermano, continúa, pero hace todo lo posible para sacarnos de pronto de este estado de perpiedad...
 — Basta, doctor, basta, acudiu Gutierrez.

Tus palabras son órdenes para mí. Ya hubiera concluido, si este bárbaro no me interrumpiera a cada momento.
 — Bien!... Mucha atención, señores! Gutierrez vá a concluir.
 — Si, compañeros, si, acudiu Gutierrez; ya voy a concluir; ya os voy a dar una prueba clarísima de mis talentos!... Yo siempre os he dicho que aquí (dando uma grande palmada na testa) habia algo! Mis amigos no querian acreditarme...
 — Hombre! exclamou Behety; yo siempre te hizo justicia!
 — No diré el contrario, tornou Gutierrez. Pero, amigos, ya estamos en el Tigre! E, tocando-me na perna: Mira gringo, que paraíso! Como la naturaleza se engalanó para recibirnos! Que hay en ese rincón de Europa, llamado Portugal, que pueda compararse!...

Uma gargalhada foi a minha resposta.
 Aos teus lábios, Maria, também asomou um sorriso divino, e foi n'essa occasião que os nossos olhos se encontraram pela primeira vez!
 Quem nos diria então, que pouco tempo depois, por um capricho da sorte, nos tornaríamos a ver, que viveríamos de novo do mesmo tecto!
 E que delicioso momento aquelle!... Lembra-te, Maria?
 Regressava eu das Conchas, aonde me levava a amizade sincera de D. Jeronymo. Aquella esplendorosa solidão, os bosques silenciosos, as flores, as aves, as aguas, tudo me fallava de Maria. O que haveria alli da formosa porteña, nas sombras humidas, na brisa que embalsava a folhagem, no rumor do rio?... Via o Eden, mas faltava ella; ella, a quem eu não podia deixar de amar ainda que me não amasse. E



A PASSAGEM DO NORDESTE POR NORDENSKIÖLD

aspirava o perfume do ramo, que a afluência de D. Jeronymo me dá, com idea de que seria tocado pelos lábios de Maria.

(Continúa).

FRANCISCO D'ALMEIDA.

BIBLIOGRAPHIA

OS LUSIADAS

Edição critica do Editor

EMILIO BIEL DO PORTO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido como specimen uma das gravuras que devem adornar a magnifica edição que o corajoso editor Emilio Biel empreendeu, e que só por si representa um dos mais grandiosos monumentos levantados no nosso tempo á memoria do sublime epico.

Esta edição destinada á commoção do terceiro centenario da morte de Camões é dedicada a sua magestade imperial o Imperador do Brazil.

Accompanha um estudo sobre a vida do poeta, pelo eminente escriptor o sr. João da Silva Mendes L'ul.

A edição é baseada na segunda de 1572, emendada pela de 1824, feita em Hamburgo, e revista pelo erudito escriptor José Gomes Monteiro.

Enriquecem-na duas gravuras originaes em aço, trabalho dos mais notaveis artistas da Europa, além de 10

em chromo-type, 16 em xylographia, tudo desenhos primorosos, como se pode ver pela inspirada composição que destrubimos, no intuito de chamar a attenção de todos os que fallam a lingua portugueza, para este trabalho digno em tudo do alto sentimento que o inspirou.
 A edição será dividida em 36 fasciculos, e o preço de cada exemplar da obra custará:

	Moda forte	Moda fraca
Em pergamino.....	270\$000	690\$000
Da primeira tiragem.....	518\$999	158\$000
Da edição restante.....	27\$000	90\$000
Por fasciculos.....	\$750	\$2500

A publicação é toda subalternada a um estilo completamente uniforme e a assignatura pode effectuar-se pela edição completa ou por fasciculos.

Esta nova edição dos *Lusíadas* empreendida com tanto esplendor será digna do paiz, e todas as que presam as glorias patrias devem auxiliar os esforços do corajoso editor.

Nº escriptorio da Empreza do OCCIDENTE recebem-se assignaturas para esta obra.

J. B. d'Almeida Garrett. — CAMÕES, poema traduzido da portuguez com uma introdução e de dez notas por Henri Faure, docteur en lettres, membre de l'Institut de France. Paris, A. Quantin, 1889, 1 volume em 8.º

O sr. Henri Faure acaba de prestar um serviço relevante á litteratura portugueza, traduzindo em francez o poema *Camões* de Garrett.

No anno em que se completa o tricentenario da morte do grande epico, a attenção do mundo illustrado ligam-se naturalmente aos *Lusíadas* e ás memorias do seu immortal

auctor. O poema de Garrett é sem duvida o mais bello dos monumentos que os escriptores portuguezes tem erguido a Luiz de Camões. Infelizmente a lingua portugueza não está generalizada a ponto de poderem apreciar nos paizes cultos esta joia da nossa litteratura. O sr. Faure foi o primeiro a preencher tamanha falta, trazendo na lingua de Lamartine e de Victor Hugo a mais admiravel das obras de Garrett. Em Portugal merecerá de certo o devido apreço esta tradução, destinada a fazer conhecida aos estrangeiros a moderna poesia portugueza.

F. S.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Debaixo de ruim, expa está um bom bêbedor.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMENT FRÈRES TYP. LITHO
6 Rua do thezouro Velho, 6



CANTO IX. EST. 50.

OS LUSIADAS — EDIÇÃO-EMILIO BIEL

SPECIMEN ESCULPIDO EM MADEIRA POR BREND'AMOUR.

COPIA DO QUADRO ORIGINAL DE LIEZEN-MAYER GRAVADO EM AÇO POR LINDNER.